



## A Baía pede socorro

O Estado Rio de Janeiro foi premiado pela natureza ao receber as mais belas formações geológicas naturais do mundo. Dentre elas, senão a mais importante, está a Baía de Guanabara, que possui um papel econômico de extrema relevância para o Estado.

Há mais ou menos 500 anos, quando os portugueses pisaram em terras tupiniquins adentrando pela Guanabara (Seio do Mar), os colonizadores se depararam com uma exuberante vista, típica de um Paraíso Tropical. Era a Baía de Guanabara: A anfitriã dos invasores europeus vindos de Portugal, e, depois, da França. Embrenhados na mata estavam os tupinambás, tamoios e temiminós, os verdadeiros donos dessas terras.

No contorno da Baía, um complexo sistema de escoamento e drenagem de rios era ornamentado por lagos e manguezais. Rios meândricos como o Iguçu e o Sarapuí, além do Guapi, Guaxindiba e Macacu possuem suas embocaduras na Baía de Guanabara e mais tarde exerceram papel de destaque para a exploração do interior, para além da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O cenário também era incrementado por falésias, restingas e praias. Em áreas mais altas a Mata Atlântica predominava. Ilustres visitantes animavam as águas da

Baía, dentre eles Cachalotes e Jubartes, em grupos de 30 e 50 indivíduos usavam essas águas para dar a luz aos seus filhotes.

Portugal e França encontraram nesse paraíso muito mais que uma bela paisagem. A extração de Pau Brasil, primeiro “empreendimento” da metrópole portuguesa, iniciou um processo de devastação e mudanças irreparáveis na Baía de Guanabara e em seu contorno. Logo os nativos foram escravizados e massacrados, reduzindo sua população drasticamente ao longo dos séculos. Já no final do século XVIII e meados do século XIX, a população indígena reduziu-se de 10000 para 90 índios nas cercanias da Baía.

Com o plantation da cana de açúcar, a tonalidade dos escravizados escureceu gerando problemas sociais que foram arrastados até aos nossos dias. A mão de obra escravizada contribuiu muito para o aumento da população de São Sebastião do Rio de Janeiro que até então se resumia a alguns militares e religiosos. Neste período, a vegetação nativa desapareceu substancialmente para dar lugar às plantações de cana de açúcar. Mais tarde, a mineração e, depois, o café, propiciaram grandes transformações no cenário da Baía através dos aterros dos terrenos, aberturas de ruas, ferrovias e urbanização da cidade.

Atualmente, a Baía de Guanabara possui menos de 20% de suas águas próprias para pesca, segundo dados da AHOMAR (Associação dos Homens e Mulheres do Mar). Esse ecossistema virou alvo de grandes empreendimentos fluminenses, que cravaram em seu seio o mais doloroso punhal, dessa forma, agravando os problemas ambientais que foram acompanhados de injustiças sociais. Os rios Sarapuí e Iguçu, do lado Ocidental da Baía, hoje, transportam os resíduos industriais oriundos da Reduc (Duque de Caxias) e Bayer (Belford Roxo), e, do lado Oriental, o Comperj (Itaboraí) é construído com custos socioambientais ao gerar uma extensa zona de sacrifício.

Para não dizer que não falei das flores, existem alguns tímidos projetos em andamento que visam à despoluição e recuperação da Baía de Guanabara, contudo não conseguem equacionar a intrincada e complexa relação entre problemas sociais, degradação ambiental e um modelo de desenvolvimento regido por um sistema que sobrevive da destruição.

A Baía de Guanabara, há 500 anos, pede socorro...